

Necrofilia: repercussão ética, política e educacional – estudo em Paulo Freire e Erich Fromm

Necrophily: repercussion ethic, politic and educational – study in Paulo Freire and Erich Fromm

Necrofilia: repercusión ética, política y educativa: estudio en Paulo Freire y Erich Fromm

Paulo César Carbonari*

Resumo

O artigo faz uma reflexão sobre a necrofilia para compreender em parte o que tem sido o modo de agir de políticos e cidadãos/as no contexto da pandemia de Covid-19. Busca em Paulo Freire, na *Pedagogia do Oprimido*, e na sua fonte, Erich Fromm, *O Coração do Homem*, subsídios para esta compreensão. Ensaia aspectos da repercussão ética, política e educacional e indica algumas aprendizagens necessárias para o enfrentamento da necrofilia. A tese básica é a de que a necrofilia alimenta práticas que são destrutivas da vida e que se exacerbam em momentos de grave crise, como o da pandemia.

Palavras-chave: Necrofilia. Política. Ética. Educação. Freire. Fromm.

Abstract

The article reflects on necrophilia to understand in part what has been the behavior of politicians and citizens in the context of the Covid-19 pandemic. In Paulo Freire, in the *Pedagogy of the Oppressed*, and in his source, Erich Fromm, *The heart of man*, he seeks subsidies for this understanding. Rehearses aspects of the ethical, political and educational repercussions and indicates some learnings necessary to face necrophilia. The basic thesis is that necrophilia feeds practices that are destructive of life and that are exacerbated in moments of serious crisis, such as the pandemic.

Keywords: Necrophily. Politics. Ethics. Education. Freire. Fromm.

Resumen

El artículo ofrece una reflexión sobre la necrofilia para comprender en parte cuál ha sido la forma de actuar de políticos y ciudadanos en el contexto de la pandemia Covid-19. Hace una busca en Paulo Freire, en la *Pedagogía del Oprimido*, y en su fuente, Erich Fromm, *El Corazón del Hombre*, ofrece subsidios para esta comprensión. Ensaia aspectos de las repercusiones éticas, políticas y educativas e indica algunos aprendizajes necesarios para afrontar la necrofilia. La tesis básica es que la necrofilia alimenta prácticas destructivas de la vida y que se agudizan en momentos de crisis grave, como lo que ocurre con la pandemia.

Palabras clave: Necrofilia. Política. Ética. Educación. Freire. Fromm.

Recebido em 12/10/2019 – Aprovado em 09/04/2020
<http://dx.doi.org/10.5335/rep.v27i3.12378>

* Doutor em filosofia (Unisinos), mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás, professor de filosofia no IFIBE (até 2019), militante de direitos humanos (CDNPH/MNDH), coordenador do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação em Direitos Humanos (GEPEDH). Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-5163-8456>. E-mail: carbonari@ifibe.edu.br

Considerações iniciais

Paulo Freire é uma referência para a educação não só porque produziu muitas reflexões sobre ela, mas também e particularmente, porque as reflexões que produziu são profundamente engajadas em processos e práticas. Esta condição dá à sua obra uma situacionalidade que, porém, não fica apenas nela, já que se mostra permanente, constituindo-se, por isso, já num clássico.

Pedagogia do Oprimido, uma de suas obras mais conhecidas, é, seguramente, um referencial para a educação, mas não só. Ela também é um referencial para a filosofia, para a antropologia, para a política. Poder-se-ia ousar dizer que é um referencial para diversos campos do saber, para a sabedoria. Isso não significa que não esteja sob o escrutínio da análise crítica e nem mesmo que nossa relação com ela seja reverencial. Seria incoerente com a própria proposta da obra agir assim. Ela é uma referência para a crítica, para a práxis; um alimento para o que ali mesmo se chama de “inérito viável”. E este, ou será aberto, histórico e em construção ou não será. Por isso é que todos/as que se empenham em conhecer, estudar e discutir esta obra, antes de tudo, se propõe a não ficar nela.

É neste sentido que nos aproximamos dela. Não o fazemos como olhar do pesquisador especializado e nem com o olhar do estudioso minucioso. O fazemos com o compromisso do agente social e do aprendente. Nossa expectativa é não mais do que considerar elementos que possam nos ajudar a compreender e a agir.

O fazemos num momento histórico de grave comprometimento das certezas nas quais o cientificismo positivista tenta imergir a humanidade nos últimos anos. Estamos vivendo a mais profunda vulnerabilidade ao novo coronavírus¹ e que tem produzido em poucos meses uma das mais dramáticas condições de crise da história da humanidade. A Covid-19 se alastra pelo mundo matando aos milhares e, enquanto é escrito este artigo, já passaram muitas dezenas dos milhares de mortos no Brasil e no mundo.

Este contexto nos motiva a buscar no texto de Freire subsídios para compreender a presença forte de ações que se orientam pela “promoção da morte” e não a valorização da vida. Elas se expressam das mais diversas formas. Estão presentes em práticas populares, mas também na expressão e na prática de autoridades como as do presidente da república que, por repetidas vezes, minimiza a situação e até incentiva à contaminação como forma de enfrentamento da situação. Estes elementos nos levam a buscar na *Pedagogia do Oprimido* o sentido da “necrofilia”. Buscaremos em complementação também em sua fonte para este tema, a obra *O*

Coração do Homem, de Erich Fromm. É sobre ele que desenvolveremos esta reflexão.

O faremos em três partes: na primeira reconstruiremos o tema na *Pedagogia do Oprimido* e na referência usada por Paulo Freire; na segunda exporemos o significado em Erich Fromm, base de Freire; na terceira, nos ocuparemos de relacionar esta questão e sua repercussão ética, política e na educação como aprendizagens decorrentes. Esperamos, dessa forma, contribuir com as reflexões sobre a obra de Paulo Freire e, com base nela, também contribuir com a travessia que todos/as estamos fazendo no contexto da pandemia.

Necrofilia: significado em Paulo Freire

A ideia de necrofilia aparece pela primeira vez em *Pedagogia do Oprimido* (1975), de Paulo Freire, no primeiro capítulo no contexto da análise da opressão e, particularmente, da violência que a caracteriza, mas retorna em vários momentos da obra. A expressão, ou derivados dela, aparece em todos os capítulos da obra.² Isso é uma demonstração da sua importância como recurso analítico. Vamos retomar sua presença em cada momento e fazer sua apresentação, sem esquecer que o próprio Freire se refere por várias vezes àquela que é sua fonte, a obra de Erich Fromm.

No primeiro capítulo, que é dedicada aos elementos balizadores da concepção de fundo a ser desenvolvida na obra, o tema da necrofilia aparece como elemento caracterizador da prática violenta da opressão e que se traduz em uma prática própria dela, o desenvolvimento de uma “consciência fortemente possessiva”. Para Freire (1975, p. 48-49), “fora da posse direta, concreta, material, do mundo e dos homens (e das mulheres),³ os opressores não se podem entender a si mesmos. Não podem ser”, e, em consequência, “tendem a transformar tudo o que os cerca em objetos de seu domínio”. Essa consciência é também chamada de “consciência necrófila”.

Este processo transforma os/as oprimidos/as em “coisa”: “em algo que é como se fosse inanimado”. Tomando por base Erich Fromm, diz que esta tendência própria dos opressores de “inanimar tudo e todos” se identifica com a “tendência sadista”, que é entendida como uma das características da consciência opressora e de sua “visão necrófila do mundo”. Freire cita Fromm para explicar o que ela significa: “o fim do sadismo é converter um *homem em coisa*, algo animado em algo inanimado, já que mediante o controle completo e absoluto o viver perde uma qualidade essen-

cial da vida: a liberdade” (FROMM *apud* FREIRE, 1975, p. 50, tradução nossa). A coisificação leva à destruição da liberdade, é raiz da opressão. Este é o principal fator da necrofilia. Freire (1975, p. 50) arrematará dizendo “Por isto é que o seu amor é um amor às avessas – um amor à morte e não à vida”. A dominação faz “deter a ânsia de busca, a inquietação, o poder de criar, que caracterizam a vida, os opressores matam a vida” (1975, p. 50).

A prática necrófila do opressor também se manifesta na “educação bancária”, aquela criticada por Paulo Freire. A “educação bancária” é aquela na qual a “educação é o ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos”, ela reflete a “sociedade opressora, sendo dimensão da ‘cultura do silêncio’” (1975, p. 67). Freire faz um elenco de características da educação bancária, cuja última característica é que “o educador, finalmente, é o sujeito do processo; os educandos, meros objetos”, arrematando que, “Se o educador é que sabe, se os educandos são os que nada sabem, cabe àquele dar, entregar, levar, transmitir o seu saber aos segundos” (1975, p. 67). Por isso é que: “No momento mesmo em que se funda num conceito mecânico, estático, especializado da consciência e em que transforma por isto mesmo, os educandos em recipientes, em quase coisas, não pode esconder sua marca necrófila” (1975, p. 76).

Os oprimidos são “seres duplos”, “hospedeiros’ do opressor” (1975, p. 32), sofrem uma “dualidade”: “são eles [oprimidos] e ao mesmo tempo são o outro introjetado neles, como consciência opressora” – “este é o trágico dilema dos oprimidos” (1975, p. 36). Os oprimidos se fazem “sombra” do opressor e reproduzem as práticas do opressor (1975, p. 52), podendo até vir a ser “sub-opressor” (1975, p. 33). Isso faz dos oprimidos pessoas com “atitude fatalista”, que se expressa na submissão ao destino, à sina, ao fardo, que são “potências irreversíveis” – vontade divina, sofrimento natural. Mais do que isso, são levados a se submeterem a uma “aderência ao opressor” (1975, p. 33), uma “irresistível atração pelo opressor” (1975, p. 53), de modo a admirá-lo, a imitá-lo, a segui-lo (1975, p. 33 e 53), e, pelo reverso, a promover a “autodesvalia”, o que significa o desacreditar de si mesmos e da capacidade de por si mesmos sair da situação de opressão em que se encontram e de superaram a convivência (1975, p. 55) com ela e a dependência (1975, p. 56) dela. Esta situação caracteriza um estado geral de “imersão” na realidade opressora (1975, p. 33), fator de inautenticidade do oprimido. Há como que um “depende” no sentido de os oprimidos serem “dependentes emocionais” do opressor. Sendo que é “este caráter de dependência emocional e total dos oprimidos que os pode levar a manifestações que Fromm chama de necrófilas. De destruição da vida. Da sua ou da do outro,

oprimido também” (1975, p. 56). Isso explica as repetições miméticas de práticas opressoras pelos oprimidos.

Para Freire (1975, p. 56), é somente quando os oprimidos “descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação, que começam a crer em si mesmos, superando, assim, sua ‘convivência’ com o regime opressor”. Ele alerta que esta descoberta da condição de oprimido é mais do que puramente intelectual, é ação, mas não mero ativismo, e sim espera-se que “esteja associada a sério empenho de reflexão, para que seja práxis” (1975, p. 56).

No contexto da investigação do “tema gerador” reaparece a questão. Identifica uma dupla perspectiva: por um lado, está o processo no qual investigador e povo são sujeitos do processo de investigação do tema gerador; pelo reverso, podem haver investigadores que não trabalham nesta perspectiva. O problema é quando em nome da “objetividade científica” breca processos transformadores: o investigador “transforma o orgânico em inorgânico, o que *está sendo* no que *é*, o vivo no morto, teme a mudança. Teme a transformação” (1975, p. 118). Desse modo, não vai construir um processo de formação na qual os agentes são todos/as sujeitos do processo. Isto porque, “ao temer a mudança e ao tentar aprisionar a vida, ao reduzi-la a esquemas rígidos, ao fazer do povo objeto passivo de sua ação investigadora, ao ver na mudança o anúncio da morte, mata a vida e não pode esconder sua marca necrófila” (1975, p. 118).

No capítulo final de *Pedagogia do Oprimido*, o tema retorna por várias vezes no contexto da ação cultural dialógica e antidialógica. Aparece na crítica que faz à liderança que não colabora com os processos de superação da opressão. A liderança opressora é aquela que colabora com os processos necrófilos de opressão, o que pode ocorrer também como parte da atuação das lideranças populares dentro de um processo de transformação. Isso aparece quando, em nome da “necessidade” de organizar o povo, essas lideranças negam processos de “intercomunicação” e de “intersubjetividade”, de “diálogo”. Fazer isso, para Freire, é temer o povo, não crer nele e fazer com que toda a transformação revolucionária perca sua razão de ser. Toda vez que age assim, sem a coragem do “encontro humilde, amoroso e corajoso”, de solidariedade, entre a liderança e o povo, a liderança se enrijece no desencontro que transforma os outros em “puros objetos”. Segundo Freire (1975, p. 151): “E, ao assim procedermos, nos tornamos necrófilos, em lugar de biófilos. Matamos a vida, em lugar de alimentarmos a vida. Em lugar de buscá-la, corremos dela. Matar a vida, freá-la, com a redução dos homens a puras coisas, aliená-los, mistificá-los, violentá-los são o próprio dos opressores”. Pelo reverso, a “liderança revolucionária”,

não pode ser nem “falsamente generosa” e nem mesmo “dirigista”: “Se as elites opressoras se fecundam, necrofilamente, no esmagamento dos oprimidos, a liderança revolucionária somente na *comunhão* com eles pode fecundar-se” (1975, p. 155). A liderança revolucionária necessariamente terá que ser humanista.

Na análise que faz da ação cultural antidialógica encontra a conquista como prática dessa ação. Para Freire, a conquista implica a relação entre um sujeito (que conquista) e um objeto (conquistado). O conquistador “imprime sua forma ao conquistado que, introjetando-o, se faz um ser ambíguo. Um “hospedeiro” do outro”. A ação conquistadora “ao ‘reificar’ os homens (e as mulheres), é necrófila” (1975, p. 162).

A outra prática antidialógica é a de dividir para manter a opressão. Freire nota que “a divisão das massas oprimidas é necessária à manutenção do *status quo*, portanto à preservação do poder dos dominadores, urge que os oprimidos não percebam claramente este jogo”. Os opressores fazem um jogo de inversão da situação para poder dividir: “os necrófilos se nomeiam a si mesmos biófilos e aos biófilos, de necrófilos”. O exemplo disso é o que é feito com Tiradentes, até hoje chamado de inconfidente e ao movimento do qual participou de inconfidência (1975, p. 171).

A outra característica da ação cultural antidialógica é a manipulação, na qual não analisa diretamente o aspecto da necrofilia. Mas a análise vai retornar na outra característica, que é a “invasão cultural”. Ela desrespeita as potencialidades e impõe aos invadidos, “sua visão de mundo, enquanto lhes freiam a criatividade, ao inibirem sua expansão”, sendo, por isso, alienante (1975, p. 178). Para Freire, o “o problema da necrofilia e da biofilia” inclui analisar “as condições objetivas que geram uma e outra, quer nos lares, nas relações pais-filhos, no clima desamoroso e opressor, como amoroso e livre, quer no contexto sociocultural” (1975, p. 181).

Necrofilia: significado em Erich Fromm

No Livro *O Coração do Homem* (1965), Erich Fromm retrata diferentes formas de violência. Ele aborda tendências de violência que vão contra a vida, que podem ser denominadas a “essência do verdadeiro mal”, o “coração do mal” (1965, p. 39): a necrofilia, o narcisismo e a fixação simbiótica pela mãe. Nos ocuparemos da necrofilia por ser a referência de Paulo Freire.

No terceiro capítulo da obra analisa o “amor à morte e o amor à vida”. Começa recuperando a declaração do filósofo Miguel Unamuno, feita em 1936, depois do discurso do general Millán Astray, cujo lema era “viva a morte”. O discurso foi feito

na Universidade de Salamanca, onde o filósofo era reitor, no começo da guerra civil espanhola. No final da intervenção do general, disse Unamuno (*apud* FROMM, 1965, p. 40-41): “acabo de ouvir o necrófilo e insensato grito ‘viva a morte’”.

Para Fromm (1965, p. 41), a distinção “mais fundamental” entre os seres humanos, tanto no campo psicológico⁴ quanto moral, é a que separa “os que amam a morte e os que amam a vida”, os “necrófilos e os biófilos”. Ressalva ele que não necessariamente uma pessoa é totalmente uma coisa ou outra, estando presentes ambas como tendências e, em muitas, precisa-se identificar qual delas é a mais forte (chama aquelas consagradas totalmente à morte de “insanas”). Lembra que, ainda que o “amor à morte” possa designar uma perversão sexual ou o desejo mórbido de estar na presença de um cadáver, ela se encontra “sem mescla sexual alguma” (1965, p. 41): é o caso da aplicação feita por Unamuno.

O texto de Erich Fromm se dedica a fazer uma “descrição da pessoa necrófila” (1965, p. 41) – exemplos, segundo ele: Hitler, Eichmann e Stalin. A primeira característica é que a pessoa com orientação necrófila “é atraída e fascinada por tudo o que não é vivo, tudo o que é morto” (1965, p. 42). A segunda característica é que os necrófilos “moram no passado, nunca no futuro” (que odeia e teme, orientando-se ao passado, no qual fixa seu “desejo de certeza e segurança”), sendo que suas emoções são sentimentais e alimentam a lembrança de emoções tidas no passado ou que acredita tê-las tido (1965, p. 42). Outra característica é que “são frios, distantes, devotos da ‘lei e da ordem’” [nisso consiste a justiça], com valores que “são exatamente o inverso dos [valores] que ligamos à vida normal” (1965, p. 42). Outra característica é a atitude favorável em relação à força, como uma capacidade ou desejo de matar, já que o necrófilo “ama a força”, sendo que sua maior façanha não seria gerar vida, mas destruí-la (1965, p. 42-43). A necrofilia é um “modo de vida”, mais do que uma ação transitória. Em geral o necrófilo se faz passar por construtor, salvador, protetor, bom pai, um líder que eleva a nação. Sendo assim, por um bom tempo haverá complacência com ele. As outras características são que o indivíduo necrófilo “ama tudo o que não cresce, tudo o que é mecânico”, tem o “desejo de transformar o orgânico em inorgânico”, ao modo de que “todas as pessoas vivas fossem coisas” (“sentimentos e pensamento vivos são transformados em coisas”) das quais quer se apropriar, reforça a “memória em vez de experiência”, o “ter, em vez de ser”, “gosta de controle”. Contudo, “teme profundamente a vida”, visto que a vida é “desordenada e incontrolável” (1965, p. 44). Fromm também diz que o necrófilo se deixa atrair “pela escuridão e pela noite”, tudo o que o aparta da vida e se dirige contra ela. Há como que um “fascinado pela destruição” (1965, p. 42).

A orientação oposta à necrófila é chamada por Fromm de “biófila”: sua essência “é o amor à vida” (1965, p. 48). Ela também não é uma característica única, mas representa uma orientação de um modo de ser que se manifesta nos processos corporais, nas emoções, nos pensamentos, nos gestos de uma pessoa. Segundo ele, “a substância viva tem a tendência para integrar-se e unir-se; tende a fundir-se com entidades diferentes e opostas, e a crescer de forma estrutural” (1965, p. 49). A pessoa biófila “é atraída pelo processo da vida e do crescimento em todas as esferas [...]. Ama a aventura de viver mais do que a certeza”; “desfruta a vida e todas as suas manifestações” (1965, p. 50). A perspectiva da vida aponta no sentido de que “a vida é desenvolvimento estruturado”, mas que “por sua natureza não está sujeita a um controle ou previsão rigorosos”. A vida não é abstração, é vida individual” (1965, p. 62).

Erich Fromm fala de uma “ética biófila” – e pelo reverso uma não ética necrófila –, cujo princípio é de que “tudo o que serve à vida” é bom (o contrário, o que serve à morte, é mau) (1965, p. 51). O que “acentua a vida, crescimento e desabrochar” é bom. Segundo ele, a consciência biófila é movida “por sua atração pela vida e alegria, o esforço moral consiste em fortalecer o aspecto amante da vida em si mesmo” (1965, p. 51). Por esta razão o biófilo não vive o remorso e a culpa. Fromm vê na *Ética* de Spinoza um “exemplo extraordinário de moral biófila” e filosofia de base humanista. A finalidade do humano é “ser atraído por tudo o que estiver vivo e afastar-se de tudo o que estiver morto ou for mecânico” (1965, p. 51).

Erich Fromm faz uma análise das condições para a posição orientada à biofilia (1965, p. 55), discutindo, inclusive, em que medida ela entra em disputa com a disposição necrófila – faz um debate com Freud. Discute até que ponto são dimensões conflitantes, já que as entende como “a contradição mais fundamental existente no homem” (1965, p. 54). Não se resume a uma questão biológica e nem a uma luta na qual a vitória é por uma delas. A meta fundamental é preservar a vida, sendo o seu contrário, uma distorção, uma psicopatologia. O “instinto de vida constitui a potencialidade primária do homem”, que precisa de “condições adequadas” para se afirmar (o instinto de morte é uma “potencialidade secundária”) (1965, p. 55). Fromm elenca como condições específicas para o desenvolvimento da biofilia (desde a infância): o carinho, o contato afetivo com outros durante a infância, a liberdade e a ausência de ameaças, o ensino (pelo exemplo e por admoestações) dos princípios que conduzem à harmonia e a força interior, o guia pela “arte de viver”, a influência estimulante de outros e de resposta a ela e um modo de vida que seja verdadeiramente interessante (1965, p. 56). O oposto fomentaria o desenvolvimento da necro-

filia: o crescer entre pessoas que amam a morte, a falta de estímulo, a frieza, as condições que tornam a vida rotineira e carente de interesse e a ordem mecânica ao invés de uma ordem determinada por relações diretas e humanas entre as pessoas.

As condições sociais para o desenvolvimento da biofilia também são tratadas. Entre elas estão as que coincidem com as condições que fomentam as tendências, já apontadas acima, como as que promovem o desenvolvimento do indivíduo. Acrescenta a importância de situações de abundância contra a escassez, tanto econômica quanto psicológica. Outra é a abolição da injustiça, que entende como a situação na qual uma classe social explora a outra e lhe impõe condições que lhe impeçam de acessar uma vida digna, impedindo a uma classe social de participar da experiência básica do viver. Finalmente também trabalha a liberdade como condição para o desenvolvimento da biofilia no sentido de “liberdade para” criar e construir, admirar e aventurar-se, o que requer um indivíduo ativo e responsável. Em resumo, diz que “o amor à vida se desenvolverá mais numa sociedade onde houver: *segurança*, no sentido das condições materiais básicas para uma vida digna não estarem ameaçadas; *justiça*, no sentido de ninguém poder ser um fim para os objetivos de outrem; e *liberdade*, no sentido de cada homem ter a possibilidade de ser um membro ativo e responsável na sociedade” (1965, p. 57).

O autor se pergunta pela relação entre as “condições sociais” para o desenvolvimento da necrofilia e o espírito da “sociedade industrial contemporânea” e, inclusive com a “guerra nuclear” (1965, p. 60). Nas sociedades contemporâneas há centros gigantescos nos quais os humanos são tratados “como objetos, em suas propriedades comuns, nas regras estatísticas do comportamento coletivo, não nos indivíduos vivos [...] os homens são administrados como se fossem coisas [...] são transformados em coisas e obedecem às leis das coisas” (1965, p. 62). Em contrapartida Fromm responde: “mas o homem não se destina a ser uma coisa; ele é destruído se se converte numa coisa” (1965, p. 62). A manipulação dos gostos em vista do consumo ao máximo e em direções previsíveis, a uniformização do caráter e a seleção dos medíocres são expressões do “burocraticamente organizado e centralizado” (1965, p. 63). Este faz surgir o *homem da organização*, o *homem autômato*, o *homo consumens*, o *homo mechanicus*, um homem artefato. Fromm diz que “o *homo mechanicus* ainda gosta de sexo e de bebida, mas todos estes prazeres são procurados dentro de um quadro de referência do mecânico e não-vivo” (1965, p. 63-64). Ele espera um “botão” que, se apertado, traga “felicidade, amor, prazer”. A intelectualização, a quantificação, a abstração, a burocratização e a “coisificação” – características próprias da sociedade industrial moderna – “quando aplicadas

a pessoas ao invés de a coisas, não são os princípios da vida, porém da mecânica” (1965, p. 64). Para Fromm, as características da orientação necrófila “existem em todas as sociedades industriais modernas, independentemente de suas respectivas estruturas políticas” (1965, p. 65) – inclusive há muito em comum entre o capitalismo estatal soviético e o capitalismo de sociedade anônimas.

Repercussão na Política e na Educação

A necrofilia repercute na política pela sua conversão em ação *necropolítica*⁵. Há vários exemplos vindos das autoridades maiores do país.⁶ O processo de ação política está em pandemia, parece indicar para a desorientação, mas talvez não seja o caso. O que parece mesmo haver é um projeto político novo, uma estratégia de gestão do público, uma governamentalidade que sugere desorientação, mas que tem posições muito consistentes e que se repetem na lógica e na ação.

O falso dilema economia *versus* saúde, ou emprego *versus* vida tem se colocado como uma questão forte e que leva até a alguns a defenderem que entre morrer da Covid-19 e morrer de fome em razão do agravamento da situação econômica é uma escolha que se põe terrível. Trata-se de um falso dilema entre “a morte física provável ou a morte econômica certa”, ou o contrário como sugerem professores da Universidade de São Paulo (USP).⁷

Há uma dificuldade crescente de as versões mais liberalizantes, tão hegemônicas nas últimas décadas de neoliberalismo galopante no mundo. Segundo Márcio Pochmann (2020, p. 135), no contexto da pandemia, aparecem três tendências para o capitalismo: “a primeira tendência relacionada ao movimento de monopolização da propriedade do capital a operar cada vez mais concentrada em não mais de 500 grandes corporações transnacionais”; a segunda: “[...] a monopolização avançada do capitalismo permitiu descentralizar a estrutura de produção e distribuição de bens e serviços em distintos fragmentos territoriais, cuja dinâmica de enclave econômico questiona a autonomia do sistema interestatal que emergiu do segundo após guerra mundial no século passado” (2020, p. 136); e ele ilustra: “Somente 11 do conjunto de 200 países existentes nos dias de hoje no mundo possuem orçamento governamental superior ao faturamento das grandes corporações transnacionais” (2020, p. 136); “[...] a terceira tendência que consagra o capitalismo atual decorre do estágio avançado de consolidação generalizada do trabalho precário” (2020, p. 136-137).

Difícil de acreditar que este processo tenha forças para gerar mudanças estruturantes e transformações profundas. Enrique Dussel⁸ diz que: “teríamos que aplicar o freio e não o acelerador necrófilo que leva em direção ao abismo”. Num desenho bem radical e propositivo, defende que a interpelação da natureza: “ou me respeitas ou te aniquilo!”: “manifesta-se como um signo do fim da modernidade e como anúncio de uma nova Idade do Mundo, posterior a esta soberba civilização moderna que que tornou suicida”. Diz acreditar que “estamos *vivendo pela primeira vez na história* do cosmos, da humanidade, sinais de esgotamento da modernidade coo última etapa do antropoceno e que permite vislumbrar uma nova *Idade do Mundo*, a transmodernidade”. Para ele, neste novo momento “deve-se antes de tudo *afirmar a Vida* sobre o capital, sobre o colonialismo, sobre o patriarcalismo e sobre muitas outras limitações que destrói as condições universais da reprodução da Vida na Terra. Isto deveria ser conquistado pacientemente no longo prazo no século XXI que só estamos começando”. Outro importante filósofo se pronunciou numa linha muito parecida, Bruno Latour⁹ defendeu que:

É aqui que devemos agir. Se a oportunidade serve para eles, serve também para nós. Se tudo pára, tudo pode ser recolocado em questão, infletido, selecionado, triado, interrompido de vez ou, pelo contrário, acelerado. Agora é que é a hora de fazer o balanço de fim de ano. À exigência do bom senso – “Retomemos a produção o mais rápido possível” – temos de responder com um grito: “De jeito nenhum!”. A última coisa a fazer seria voltar a fazer tudo o que fizemos antes¹⁰.

Será que vige o império do *homo oeconomicus*¹¹ neoliberal? Será ele suplantado ou seguirão os mais pobres precisando fazer cálculos terríveis entre satisfazer ao mínimo as necessidades elementares dado o imenso acumulado de precarizações e vulnerabilizações ou cumprir exigências sanitárias elementares para as quais sequer há disponibilidade de recursos (falta água e sabão!)?

A repercussão na educação implica em pensar até que ponto as práticas necrófilas seguem reforçando ações bancárias e processos opressores na educação. Inclusive, pensar em que medida a necrofilia redundava na formação da possibilidade de uma posição alternativa e biófila. Boaventura de Sousa Santos (2020), em *A cruel pedagogia do vírus*, fala em lições a serem enfrentadas e que são as seguintes: “Lição 1. O tempo político e mediático condiciona o modo como a sociedade contemporânea se apercebe dos riscos que corre”; “Lição 2. As pandemias não matam tão indiscriminadamente quanto se julga”; “Lição 3. Enquanto modelo social, o capitalismo não tem futuro”; “Lição 4. A extrema-direita e a direita hiper-neoliberal ficam definitivamente (espera-se) descreditadas”; “Lição 5. O colonialismo e o

patriarcado estão vivos e reforçam-se nos momentos de crise aguda”; “Lição 6. O regresso do Estado e da comunidade”.

No fundo a questão recoloca desafios muito importantes para a educação.¹² O principal deles é a necessidade de “*aprender a dignidade da vida*”. Trata-se de compreender que a vida não tem valor, é valor. A vida não pode ser relativizada ou condicionada a qualquer outro valor. Nela há uma dignidade própria e não suplantável, que não pode ser ultrapassada, como condição material¹³. A vida é a condição para todas as demais condicionalidades específicas. A fragilidade da vida que torna a todos os corpos vulneráveis à contaminação do novo coronavírus, sua finitude e sua construção como parte de um amplo processo vital do conjunto do cosmos e particularmente da Mãe Terra, não a colocam em secundidade, pelo contrário, a inserem nesta ampla teia vital. A vida é também finalidade omnidimensional de todas as decisões e de todas as ações, não podendo ser posta como mais uma das finalidades disponíveis¹⁴, exatamente por sua indisponibilidade. A vida, e suas necessidades, não é um fim para a qual se podem calcular meios eficazes. Ela é condição de todo fim e a possibilidade de ter fins específicos. E isto é tão objetivo quanto qualquer fim específico. Assim, a vida também não é um direito, ela é a condição de todo Direito e de todos os direitos, em sentido profundo, todos os direitos específicos só fazem sentido para a vida. Todo dinheiro, todo trabalho, toda economia, só fazem sentido se forem para alimentar a vida. Somente em dinâmicas necrófilas é que se poderia esperar outras possibilidades de compreensão.

Outro é o desafio de “*aprender o luto e a enlutar-se*”. A morte tem sido bastante banalizada nas modernas sociedades do progresso, da correria, do resultado, afinal, ela representa o oposto de tudo isso. A morte, que sempre foi tida como momento fundamental da vida, alimentou crenças, religiosidades, filosofias e várias construções de sentido. Mas, parece que já não sensibiliza tanto. Há humanos para os quais já não faz sentido o luto, como nos lembra Judith Butler¹⁵. Ela também nos lembra neste contexto da pandemia que estamos diante de um desafio importante: “aprender a enlutar-se pelas mortes em massa significa marcar a perda de alguém cujo nome você não sabe, cuja língua você talvez não fale, que vive a uma distância intransponível de onde você mora”. Há, um “luto público” a ser experimentado e vivido. Mas, a lógica do cálculo e a enxurrada de números que chegam pelos boletins epidemiológicos parecem reduzir as vidas e as mortes a insumos de cálculo, possibilidade estatística, impedem o efetivo reconhecimento de cada singularidade que se perde numa vida que se vai, numa morte que se conta. Há um luto comunitário a ser vivido, ainda que não possa ser feito como reverência pública (dadas as

condições do enterro neste contexto). O subregistro das mortes (de certa forma autorizado pelo poder público¹⁶) e a dispensa de exame em Institutos Médicos Legais (IMLs) para o caso de corpos aprisionados¹⁷ poderão gerar a possibilidade de “desaparecidos da Covid”. Junto com isto as medidas de restrição ou o cancelamento de velórios públicos reforça uma dificuldade ainda maior de lidar com o luto no contexto da pandemia. A aprendizagem demandada de um “luto Covid” é pela exigência de seguimento dos vivos e de como estes conviverão com as memórias dos mortos e como a sociedade conviverá e significará todos/as e cada uma das mortes, para além de números. As lágrimas pelos estranhos que morreram são pelos conhecidos que seguem vivos. Não aprender a valorizar a perda comum pode levar a sequer valorizar eventuais perdas pessoais ou, dito de outro modo, concentrar-se unicamente nas eventuais perdas pessoais parece pouco diante da exigência de enlutar-se com cada morte.

Finalmente, o “*aprender nova ética*”¹⁸. A questão de fundo que se coloca é a possibilidade de uma racionalidade ética na qual caibam as mais diversas e todas as formas de conhecimento, de ciência, de vida. Esta racionalidade ética haverá de emergir da necessidade de superação da racionalidade vitimária que é exatamente esta racionalidade que admite a morte como parte “naturalizada” (ainda que não seja “natural”) e que trabalha com o “cálculo do suportável”.¹⁹ Não há suportável possível quando se trata da vida, do sujeito necessitado (que é o humano, um humano natural, um humano-natureza). Submeter a ética ao cálculo meio-fim é exatamente eliminá-la do contexto da ciência e autorizar a “ciência dos fatos”²⁰ a seguir acreditando que está trabalhando sem valores, quando, na verdade, está orientada por valores absolutos como a eficiência e a competição, além de outros.²¹ Problematizar estas questões é abrir-se para possibilidades outras de ciência com ética. Enfim, a possibilidade de uma racionalidade ética se coloca como questão fundamental também neste momento, não como um “*post factum*” ou “*post festum*”, mas como processo presente e constitutivo da travessia em curso, como aprendizagem necessária para fazer frente à necrofilia persistente.

Considerações finais

Estamos numa contingência que, “elimina a contingência”,²² exatamente porque na contingência da Covid-19 diversas coisas estão colocadas umas ao lado das outras, todas adjacentes entre si, contíguas entre si, que isso não se confunde com alguma continuidade entre elas.

A contingência da pandemia, no fundo, se tornou uma necessidade (por isso nada contingente) – e até o que esperamos vir a ser no futuro está marcado por esta condicionalidade – mesmo que na pandemia nada há de necessário e tudo seja tão incerto e contingente. É exatamente a contingência que já não se faz contingente. Aqui está talvez o principal desafio que é o de “fazer sobrar” alguma contingência quando tudo parece ser contingente. É isso o que poderá permitir reinventar, inclusive tudo por inteiro e não sucumbir à necrofilia.

Nossas respostas imunológicas não podem ficar fechadas à certeza na incerteza que não deixa brechas para a imaginação. Só ela, junto com o desejo do impossível, do infinito, do “inédito viável”, tem força ética, política e pedagógica para produzir o novo, ainda que num contexto completamente adverso.

Notas

- ¹ O novo coronavírus (SARS-CoV-2) apareceu no final de 2019 em Wuham, China, e rapidamente se espalhou pelo mundo, de modo que a Covid-19 foi declarada uma pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 11 de março de 2020. As informações sobre o tema são muitas e estão disponíveis particularmente nos canais da OMS, a Organização Pan-americana de Saúde (OPAS) e do Ministério da Saúde do Brasil. Ver de modo especial em: www.who.int/; www.paho.org/; e <https://saude.gov.br/>.
- ² Uma busca pela expressão e seus derivados indica sua presença nas seguintes páginas: 48, 49, 50 e 56 (do Capítulo I); 74, 75 e 76 (do Capítulo II); 118, 119 e 133 (do Capítulo III); 150, 151, 155, 156, 162, 171 e 181 (do Capítulo IV).
- ³ Acrescentamos atendendo ao pedido de Paulo Freire em *Pedagogia da Esperança* (1993).
- ⁴ Fromm lembra que, ainda que tenha sido pouco trabalhado pela Psicanálise, a necrofilia se remete ao “instinto de morte”, tanatológico, como trabalhado por Sigmund Freud.
- ⁵ Seguindo a posição de Achile Mbembe, expressa em vários de seus escritos (2016), particularmente no mais recente deles, “Direito Universal à respiração” (2020).
- ⁶ Tratamos deste assunto num artigo publicado em 25/03/2020 no site do Movimento Nacional de Direitos Humanos (MNDH). Disponível em: <https://mndhbrasil.org/necropolitica-e-necrofilia-em-estado-pura-pensamentos-indignados-e-para-mobilizar-a-indignacao/>.
- ⁷ Artigo “Coronavírus reforça urgência da união de forças democráticas contra Bolsonaro”, assinado pelos professores André Singer, Christian Dunker, Cicero Araújo, Laura Carvalho, Felipe Loureiro, Leda Paulani, Ruy Braga e Vladimir Safatle, publicado no caderno *Ilustríssima*, do jornal *Folha de São Paulo*, em 24/04/2020. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2020/04/coronavirus-reforca-urgencia-da-união-de-forças-democraticas-contrabolsonaro.shtml.
- ⁸ Artigo de Enrique Dussel, “Cuando la naturaleza jaquea la orgullosa modernidad”, publicado no Blog *Nuestramerica*. Mar. 2020. Disponível em: <http://nuestramerica.cl/ojs/index.php/blognuestramerica/article/view/111/146>. Acesso em: 03 abr. 2020. Tradução nossa.
- ⁹ Artigo de Bruno Latour, “Imaginando gestos que barrem o retorno ao consumismo e à produção insustentável pré-pandemia”. *ClimaInfo*, 3 de abril de 2020. Disponível em: <https://climainfo.org.br/2020/04/02/barrar-producao-insustentavel-e-onsumismo/>. Acesso em: 03 abr. 2020.
- ¹⁰ Tratamos da questão no artigo “Momento para parar”, publicado pela Comissão de Direitos Humanos de Passo Fundo. Disponível em: <https://cdhpf.org.br/artigos/momento-para-parar-brevess-reflexoes-anti-progresso/>.
- ¹¹ Ver artigo de Castor M. M. Bartolomé Ruiz, “Pandemia e as falácias do homo economicus”, *IHU On Line*, de 19/04/2020. Disponível em: www.ihu.unisinos.br/78-noticias/598157-pandemia-e-as-falacias-do-homo-economicus.

- ¹² Trabalhamos estas questões no texto que publicamos em 20 de maio de 2020 com o título “Educação em Tempos da Pandemia de Covid-19” [ainda em construção quando da elaboração deste].
- ¹³ Fundamental retomar a posição da Ética da Libertação formulada por Enrique Dussel, formulada já há algumas décadas, mas que neste momento ganha uma força e atualidade incontestáveis. Ver: *Ética da Libertação na idade da globalização e da exclusão* (DUSSEL, 2000).
- ¹⁴ Ver a crítica de Franz Hinkelammert (2003) à racionalidade positivista. Também é importante revisitar a crítica a esta mesma racionalidade em Horkheimer (2002).
- ¹⁵ Entrevista: “O luto é um ato político em meio à pandemia e suas disparidades”. Publicada originalmente em *Truthout*. No Brasil, publicado por *Carta Maior*, em 04/05/2020, com tradução de César Locatelli. Disponível em: www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Pelo-Mundo/Judith-Butler-O-luto-e-um-ato-politico-em-meio-a-pandemia-e-suas-disparidades/6/47390. Na entrevista, retoma questões que já estão em outras obras, como em *Quadros de guerra* (BUTLER, 2016).
- ¹⁶ A *Portaria Conjunta 1/2020* (ver www.cnj.jus.br/wp-content/uploads/2020/03/SEI-CNJ-0857532-Portaria.pdf-2.pdf), entre o CNJ e o MS, autoriza estabelecimentos de saúde – na hipótese de ausência de familiares ou pessoas conhecidas do falecido ou em razão de exigência de saúde pública – a encaminhar sepultamento ou cremação sem prévia lavratura do registro civil de óbito.
- ¹⁷ Ver: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/03/24/covid-19-impl-rj-corta-autopsia-de-presos-e-a-oab-investiga-subnotificacao.htm>.
- ¹⁸ Esta parte também já foi publicada no artigo “*Ética e Ciência: elementos para subsidiar reflexões*”.
- ¹⁹ Trabalhamos as características da racionalidade vitimária e da racionalidade ética em nossa tese “*A potencialidade da vítima para ser sujeito ético: construção de uma proposta de ética a partir da condição da vítima*”. Ver: www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/4517.
- ²⁰ E os limites graves da posição weberiana a respeito do tema (WEBER, 1991).
- ²¹ Sugere-se visitar a metáfora dos jovens que cerram o galho de árvore sobre o qual estão sentados apresentada por Hinkelammert (2003).
- ²² Como diz o filósofo italiano, Emanuele Alloa, em artigo publicado em *Anrtinomie*. Disponível em <https://antinomie.it/index.php/2020/04/21/il-coronavirus-una-contingenza-che-elimina-la-contingenza/>.

Referências

- BUTLER, Judith. *Quadros de guerra*. Quando a vida é passível de luto? Trad. Sérgio T. de N. Lamarão e Arnaldo M. da Cunha. Rev. Marina Vargas e Carla Rodrigues. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- DUSSEL, Enrique D. *Ética da Libertação na Idade da Globalização e da Exclusão*. Trad. Jaime A. Clasen et al. Petrópolis: Vozes, 2000.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- FROMM, Erich. *O coração do homem*. Seu gênio para o bem e para o mal. Trad. Octávio Alves Velho. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.
- HINKELAMMERT, Franz. *El sujeto y la ley: el retorno del sujeto reprimido*. Heredia, Costa Rica: EUNA, 2003.
- HORKHEIMER, Max. *Eclipse da Razão*. Trad. Sebastião U. Leite. São Paulo: Centauro, 2002.
- MBEMBE, Aquile. Necropolítica. *Revista Arte & Ensaio*, Programa de Pós-graduação em Artes Visuais EBA/UFRJ, n. 32, p. 123-151, dez. 2016.

MBEMBE, Aquile. *Direito universal à respiração*. Trad. A. Luiza Braga. São Paulo, n-1, 2020 (nº 20). Disponível em: <https://n-1edicoes.org/020>.

POCHMANN, Marcio. Sobre o papel do Estado na economia e Covid-19. In: TOSTES, Anjuli; MELO FILHO, Hugo (org.). *Quarentena: reflexões sobre a pandemia e depois*. Bauru: Canal 6, 2020. Disponível em: http://editorap Praxis.com.br/quarentena/ebook_quarentena_1ed_2020.pdf.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A Cruel Pedagogia do Vírus*. Coimbra: Almedina, 2020.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. Fundamentos da Sociologia Compreensiva. Trad. Regis Barbosa e Karen E. Barbosa. Brasília: UnB, 1991. Vol. I.